

Entremeios e desenredos: impasses de representação narrativa e espacial em João Guimarães Rosa

Guilherme Mazzafera e Silva Vilhena

Resumo

Esta comunicação se propõe a pensar a obra de João Guimarães Rosa a partir da emergência de um segundo momento de escritura, composto pelos diversos textos publicados em periódicos entre 1947 e 1954 e tendo nos livros de 1956 seu ponto culminante. Nestes textos, dotados de um deslizamento de formas constitutivo, nota-se a formação gradual de uma voz narrativa em primeira pessoa marcada pela dificuldade de dar forma à sua matéria, proveniente de experiências biográficas localizadas fora do sertão mineiro e situadas no eixo temporal do presente. Em breves comentários analíticos, procuramos indicar em “O mau humor de Wotan” a premência da guerra enquanto circunstância que fragiliza o alcance da voz narrativa ao mesmo tempo em que a impele a uma adesão profunda ao seu objeto, culminando no conto-retrato do amigo Hans-Helmut. Em “Pé-duro, chapéu-de-couro”, por meio de um feixe formal compósito entre a narrativa épica e o comentário ensaístico, narra-se a experiência de autor em uma vaquejada em Caldas do Cipó, Bahia, a partir da qual Rosa mobiliza um breve retrospecto da figura do vaqueiro tal como delineada pela melhor literatura brasileira (Alencar e Euclides) para, assim, marcar seu local de fala e a escolha de seu personagem de eleição: o vaqueiro e a cultura do boi. Por fim, em “Com o Vaqueiro Mariano”, a questão da transmissibilidade da experiência e da dificuldade de enformar a matéria sertaneja e popular, a partir da ótica do escritor letrado e erudito, extravasa as frinchas da forma (já presentes nos textos em primeira pessoa de Sagarana) e assume dimensão temática erigida sobre um diálogo (im)possível. Irmanando esses textos de circunstância, há um substrato ético de resistência, de feição contraideológica, intimamente articulado à busca técnica por um ponto de vista interno à matéria que traz, em seu bojo, implicações estéticas e ideológicas.

Palavras-chave

literatura brasileira; Guimarães Rosa; segundo momento de escritura; voz narrativa; experiência

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). Pesquisador da obra de Guimarães Rosa, sobre a qual está escrevendo dissertação de mestrado sob orientação de Erwin Torralbo Gimenez e com apoio do CNPq. E-mail: guilherme.mazzafera.vilhena@gmail.com.

Esta apresentação procura indicar as linhas de força de um estudo sobre a produção literária de João Guimarães Rosa publicada em jornais e revistas no período de 1947 a 1954, momento localizado entre seu primeiro livro publicado, *Sagarana* (1946), e os dois livros de 1956, *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. Dentre os vinte textos publicados nesse intervalo, o foco analítico do trabalho privilegia, sobretudo, “O mau humor de Wotan”, “Com o Vaqueiro Mariano” e “Pé-duro, chapéu-de-couro”, textos nos quais figuram impasses de representação narrativa e espacial de importante desenvolvimento para a obra do escritor. Entendendo estes “textos de circunstância” como centros aglutinadores e problemáticos de um segundo *momento de escritura* rosiana cuja realização mais alta, embora não de todo terminada, dar-se-á com os livros de 1956, nosso propósito é o de uma leitura em dois tempos na qual, primeiramente, as narrativas são analisadas à luz de seu contexto de produção e publicação nos periódicos e, posteriormente, através de suas reescrituras, incluídas nos livros póstumos *Estas Estórias* (1969) e *Ave, Palavra* (1970). Interessa-nos, em especial, perscrutar e analisar a construção de uma voz narrativa predominantemente em primeira pessoa que, deslocada de seu espaço de eleição, confronta-se com novos espaços e sujeitos, plasmando-os esteticamente com dificuldade a partir de um complexo movimento que dissolve gêneros narrativos e entremeia vivências efetivas e transfiguração artística, culminando em uma espécie de acerto progressivo entre o autor e seus materiais. Assim, procuramos compreender como Rosa formula e confronta os referidos impasses de representação formal e temática na sua busca pela constituição de um ponto de vista interior à matéria narrativa e, a partir da gradual concretização deste, indagamos, em termos estéticos e ideológicos, as implicações e limites de tal conquista.

Concebendo a experiência da Segunda Guerra, vivenciada pelo autor em Hamburgo, entre 1938 e 1942, como uma espécie de evento fundador do aparecimento e exploração, de modo mais sistemático, do ponto de vista em primeira pessoa, queremos perscrutar a constituição dessa voz narrativa a partir de uma leitura integrada do Diário de Guerra com os contos alemães, em especial “O mau humor de Wotan”, no qual

desponta uma atitude de adesão à matéria narrativa e em forte oposição à ideologia totalitária do período. Marcado pela incapacidade de determinar uma causalidade precisa nos eventos que narra ou de intervir historicamente, resta ao narrador, na precariedade de seus meios, narrar e construir seu “conto-retrato” do amigo Hans-Helmut, salvando-o do esquecimento a partir da valorização de uma outra “concepção do destino e da vida” (ROSA, 2001: p.36). Tal precarização, dos sujeitos e do narrador, impele o escritor a não se fiar predominantemente na memória afetiva e na imaginação criadora, mas o obriga a conhecer com profundidade seus objetos e espaços, daí a importância das viagens pelo interior do país e os textos que delas resultam. Mais do que isso, parece-nos sintomático que as vivências deste período de guerra excedam sua mera referencialidade temática e se constituam como uma circunstância basilar na composição de outros textos a partir de uma revalorização da experiência, prene de sentido, mas cuja transmissibilidade é problematizada a partir da reorganização dos bastidores da ficção.

O centro de interesse do estudo é composto pelo díptico de reportagens poéticas que, a despeito da posterior publicação em livros diferentes, faziam parte de um mesmo projeto do escritor chamado “Com os Vaqueiros”, que acabou não se realizando. “Pé-duro, chapéu-de-couro”, composto e publicado em 1952, tem como substrato empírico um encontro de vaqueiros de todo o país em Caldas do Cipó (BA), em junho do mesmo ano, e se articula como um pequeno canto épico, de feição fragmentária e sabor ensaístico, sobre a cultura do povo boieiro, versando sobre suas origens e representações literárias entremeadas por cenas do evento presente. Estabelecendo diálogos com José De Alencar, Euclides da Cunha e Homero, de quem incorpora procedimentos cênicos e estilísticos – o que reforça a importância da leitura das epopeias gregas por Rosa em seu período francês (1948-51) – o texto recoloca em cena a dimensão de resistência de um modo de cultura específico não apenas como um movimento interno ao foco narrativo, mas como parte de um gesto intelectual mais amplo de diálogo direto com a tradição brasileira e internacional, culminando na percepção da presença do vaqueiro sertanejo como “longa lição, sua persistência um julgamento e um recado” e na compreensão da

condição primordial da cultura, em consonância com ideias de Huizinga: “a dominação da natureza, mas da *natureza humana*” (ROSA, 2001: p.201)

“Com o Vaqueiro Mariano”, por sua vez, é um texto derivado das experiências de Rosa junto ao vaqueiro José Mariano da Silva na Nhecolândia, Pantanal, em julho de 1947, no qual o autor não procura “gravar” a “fala” do vaqueiro e reproduzi-la tal qual, mas antes permite que o narrador e seu objeto-sujeito sejam produzidos pela narrativa, de modo que, embora torne Mariano um personagem de seu relato, o narrador não ousa dominá-lo enquanto objeto literário, respeitando a referencialidade do personagem, que se expressa sempre em discurso direto. Apresentando fortes indícios da constituição de um “monólogo dialógico” embrionário nas falas de Mariano, a estrutura fendida entre diferentes modos de expressão já indicia o impasse central sobre a compreensão e transmissibilidade das histórias ouvidas pelo narrador, que apreende a imanência entre narrador e matéria narrada e a percebe como um ato de resistência perante o esfacelamento das tradições e de todo um modo de vida: “Também as histórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir.” (ROSA, 2006: p.121).

Há que se destacar ainda que o esforço de dar uma forma una, totalizante em certa medida, por meio da composição de um “conto-retrato”, carrega em si mesmo um pressuposto ideológico, pois ao tentar enformar o material coletado do personagem rústico, o narrador produz um “esforço para construir uma totalidade, dentro da qual se recuperam as formas desconexas e dispersivas da narração rural, mas ajustadas a uma unificação que já procede do impacto modernizador.” (RAMA, 2001: p.272). Assim, a própria forma fendida entre discurso indireto e direto, narrador e vaqueiro, aliada à precariedade dos meios de figuração e transmissibilidade da experiência, já apontam para o idealismo de tal premissa. No fim, o que se salva é o ato narrativo como ato cognoscitivo, capaz de resistir contra o silêncio problemático e ideológico que separa tais universos culturais e de, gradualmente, pela construção de uma linguagem comum, converter o *logos* partido em diálogo: “– Melhor, sim, Mariano” (ROSA, 2006: p.154).

Deste modo, “Com o Vaqueiro Mariano” ilustra não apenas um tema, mas uma

verdadeira atitude perante a matéria narrada e a possibilidade da narração. O escritor não se refugia no espaço incerto da rememoração e da postura memorialista, mas sai a campo em busca do seu personagem, tendo consciência de que precisa fazer uma espécie de mediação entre Mariano, seu legado problemático e o leitor para garantir algum tipo de compreensão. É esta atitude, refratada nos aspectos formais, espaciais, temáticos, linguísticos e ideológicos, disseminada pelos textos de nosso *corpus* e encontrando seu centro nervoso nesta “reportagem poética”, que interessa aqui investigar.

Por fim, em diálogo com as sugestões de Vasconcelos (2008) para uma leitura a contrapelo da adesão do ponto de vista narrativo à sua matéria como fato positivo incontestável, procuramos indagar em que medida o aprimoramento estético das possibilidades de figuração, em especial a voz em primeira pessoa pelo monólogo dialógico, em um novo contexto histórico (o dos livros de 1956), não acaba por promover um arrefecimento da atitude combativa e de resistência contraideológica presente nos textos analisados em prol de um anseio de integração, vislumbrado esteticamente pela constituição de um ponto de vista orgânico à matéria narrativa, que acaba por ser, ele mesmo, ideológico.

Referências bibliográficas

RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. Organização Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Edusp, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Estas estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Vozes do centro e da periferia. In: SCARPELLI, Marli Fantini. (Org.). *A Poética Migrante de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. v. 1, p. 380-399.